

TELEVISÃO E SOCIEDADE: CONSTRUÇÕES DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO EM TELENÓVELAS

TELEVISION AND SOCIETY: CONSTRUCTION STEREOTYPE'S GENDER IN TELENÓVELAS

Nilsandra Martins de Castro¹

Bruno Gomes Pereira²

RESUMO:Objetivamos discutir questões ligadas à construção de estereótipos de gênero em telenovelas, atrações televisivas de forte apelo popular. Estamos inseridos no campo sociológico dos Estudos Culturais, pois essa perspectiva de investigação científica nos ajuda a problematizar nosso objeto de investigação. Nossa investigação é um estudo de caso de abordagem qualitativa, tendo em vista que partimos de uma fala específica para desenvolver nossas análises. Analisamos a fala de um participante de pesquisa, que semiotiza um posicionamento reprovativo entre as representações feitas sobre a homoafetividade e a forma como é abordada na ficção televisiva.

PALAVRAS-CHAVE:Gênero. Telenovela. Estereótipo.

ABSTRACT: This paper discusses issues related to the construction of gender stereotype's in soap operas, television attractions of strong popular appeal. We operate in the sociological field of Cultural Studies, for this scientific research perspective helps us to question our investigation. Our research is a case study of qualitative approach, given that we start from a specific talk to develop our analysis. We analyze the speech of a research participant, whose semioticizing one reprovativo positioning between the representations made about homoafetividade and the way it is addressed in television fiction.

KEYWORDS: Gender. Telenovela. Stereotype.

1 INTRODUÇÃO

Em um mundo pós-moderno, onde as relações entre as pessoas se tornam cada vez mais líquidas (cf. BAUMAN, 2004), a televisão desponta-se como um aparelho

¹ Doutoranda em Ensino de Língua e Literatura (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professora da UFT, Campus Universitário de Araguaína, e da Faculdade Católica Dom Orione (FACDO). E-mail: nillsandra@gmail.com.

² Doutorando em Ensino de Língua e Literatura (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bolsista CAPES. E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com.

ideológico fortemente influenciador das práticas discursivas do homem em sociedade. A influência que nos referimos é duplamente interpretada pela população que oscila entre a ideia de televisão enquanto vilã manipuladora e televisão enquanto meio social que denuncia atitudes já propagadas por determinados grupos sociais.

Tentando dar conta da dicotomia posta acima, várias pesquisas acadêmicas têm demonstrado demasiado interesse em compreender a televisão enquanto causadora de alteração comportamental em uma era dita complexa. Seja na área da psicologia, da comunicação social, do jornalismo e mesmo da linguística aplicada, os estudiosos concebem a televisão enquanto um elemento conector de práticas discursivas a partir do momento em que esferas sociais concretas sentem-se, de alguma maneira, representadas por personagens fictícios e/ou midiáticos.

É nesse sentido que tomamos a telenovela como principal produto midiático de nossas análises, partindo do princípio de que, na sociedade atual, consegue provocar sensações emotivas em milhões de pessoas, por meio de uma espécie de catarse coletiva.

Nos últimos anos, as telenovelas, em especial as da Rede Globo de Televisão, têm abordado com frequência questões voltadas à homoafetividade. Revisitando a ideia dicotômica que apresentamos acima, não é nossa intenção, nessa abordagem, discutir se a televisão influencia ou é influenciada pela sociedade que a consome. Deixemos esse questionamento para pesquisas posteriores a esta. No entanto, partimos do pressuposto de que, de alguma maneira, existe uma relação intrínseca entre sociedade e telenovela na medida em que o social é construído pela relação entre ambas (cf. HAMBURGER, 2011). Estão imbuídas nessas relações também a concepção de gênero e, portanto, de relações homoafetivas, as quais nos interessam mais de perto nesse artigo.

Para discutirmos como a questão do gênero está sendo apresentada nas telenovelas mais recentes, partiremos de uma entrevista concedida por um participante de pesquisa para uma investigação maior, em nível de doutorado, realizada pela primeira autora deste artigo. A fala do entrevistado nos convida a repensar a maneira como as telenovelas brasileiras tem lidado com a ideia de gênero, muitas vezes abordada estereotipadamente. Trata-se, portanto, de um estudo de caso, tendo em vista que partimos de um olhar específico de um participante de pesquisa para analisarmos

fenômenos sociais de maior alcance, permitindo-nos um olhar mais panorâmico sobre a questão que debatemos (cf. YIN, 2005).

Além desta *Introdução*, das *Considerações Finais* e das *Referências*, o artigo que se segue é constituído pelas seguintes seções: *Identidades de Gênero*, *A Telenovela no Século XXI* e *Homoafetividade e Televisão: Uma questão de ponto de vista*.

2 IDENTIDADES DE GÊNERO

No decorrer dos anos 90, em detrimento do impacto político do Feminismo, o uso da categoria “gênero” ganhou evidência e implicou na ressignificação dos conceitos de masculinidade e feminilidade. De acordo com Moraes (1998), a expressão “relações de gênero”, como vem sendo utilizada no campo das ciências sociais, assinala, principalmente, a perspectiva culturalista em que as categorias diferenciais de sexo não aludem no reconhecimento de uma essência masculina ou feminina, de caráter abstrato e universal, ao contrário, apontam para a ordem cultural como modeladora de mulheres e homens.

Também de acordo com Louro (1997, p. 2), a categorização “homem” e “mulher” não deve mais ser vista como produtos sexuais biológicos, mas, antes, como construções sociais. Portanto, ao falarmos de identidades de gênero, é importante atentar para o fato de que são construções culturais inconclusas, e sempre relacionais e que, por isso mesmo, devemos fazer referência a feminilidades e a masculinidades sempre no plural, considerando que podem ser sempre várias as identidades possíveis (LOURO, 1997).

Sousa (2009) argumenta na mesma direção quando afirma que o conceito de gênero surgiu nos estudos feministas, no intento de se contrapor à ideia de essência, recusando, assim, qualquer esclarecimento pautado no determinismo biológico, que pudesse explicar os comportamentos de homens e mulheres. Esse determinismo, muitas vezes, era usado na legitimação das diferenças entre homens e mulheres, a partir de seus corpos. Segundo Louro (2008, p.1-2):

o conceito de gênero surgiu pela necessidade de acentuar o caráter eminentemente social das diferenças percebidas entre os sexos. Apontava para a impossibilidade de se ancorar no sexo (tomado de modo estreito como características físicas ou biológicas dos

corpos) as diferenças e desigualdades que as mulheres experimentavam em relação aos homens.

A proposição da autora acima é relevante. No entanto, é preciso que não nos esqueçamos do que argumenta Sousa (op. cit., p. 4) uma vez que ultrapassa a perspectiva da feminilidade quando afirma:

Os estudos de gênero não se limitam (...) aos estudos de/sobre mulheres, mas incluem também a discussão em torno da construção das masculinidades, problematizando de que forma elas têm sido colocadas em discurso, como apontam os trabalhos de Connel (1995), Corrigan, Connel e Lee (1985), Heward (1988), Messner (1992 b), Morrel (1994), Kibby (1997), Louro (1995) e Peres (1995), entre outros.

Essas discussões ganham relevância na medida em que vivemos em uma sociedade historicamente sexista, sendo que as identidades de gênero vêm sendo, desde há muito, controladas.

De acordo com Louro (2006) na opinião de muitos da sociedade não havia necessidade de “mobilier” a cabeça da mulher com conhecimento, considerando que seu curso normal era ser esposa e mãe. Para tanto, esta deveria ter somente uma moral ilibada e bons princípios. Portanto, aprender conhecimentos para o lar era mais que suficientes, não havendo necessidade de se aprender conhecimentos que a levasse a se destacar na sociedade, pois era o homem que a representaria nesse aspecto.

Conforme Louro (2006, p. 1), ao refletirmos sobre identidades de gênero, importa ressaltar, é preciso, sempre, fazer referências a questões de sexualidade, isto é, de identidade sexual. Já há algum tempo, intelectuais feministas vem chamando a atenção, tanto para a distinção entre a noção de gênero e de sexualidade, quanto para a estreita articulação entre os dois conceitos. E a aproximação entre gênero e sexualidade, conforme Louro (2008, p. 3), se dá na medida em que assumimos que ambos são construídos culturalmente e, portanto, “carregam a historicidade e o caráter provisório das culturas”. Diferentes sociedades e épocas, discerne a autora, alocam significados distintos às posições de gênero - à masculinidade e à feminilidade -, bem como às diferentes expressões da sexualidade. Louro enfatiza, ainda, que o que marca o gênero e a sexualidade são as relações de poder que perpassam a ambos, criando hierarquias e distinções entre os mesmos.

Pelo que vimos expondo, parece-nos evidente concluir que as discussões que envolvem questões de gênero passam longe da neutralidade, uma vez que são diversas as forças que se cruzam nesse cenário.

2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTEREÓTIPOS

A escola, a mídia, a política, são veículos explícitos e diretos de modos de produções e modelos sociais, em outras palavras criam estereótipos e alimentam preconceitos. A exemplo, podemos citar alguns livros escolares que ainda retratam o modelo estereotipado do que deve ser um índio, como aquele que usa um tapa sexo, o cabelo apache, e, não podendo esquecer, seu arco e flecha. Porquanto, cristaliza-se um modelo ideal do que deve ser um índio “verdadeiro”, como se os cenários ideológicos e sociais fossem sempre os mesmos.

Van Dijk (2015, p. 46) nos esclarece que em todos os domínios “simbólicos da sociedade, particularmente os que estão “no topo”, o discurso desempenha um papel de destaque na promulgação da discriminação e da reprodução de estereótipos, preconceitos e ideologias racistas”. Ou seja, o “topo” representa àqueles que tem o direito de falar por se encontrarem em lugares privilegiados da sociedade, logo seus discursos tendem a gerar impactos marcantes e devastadores no seio social, dada a carga negativa imbuída nos discursos de representação do outro.

Mais adiante esclarece o autor, ao se fazer a análise de debates políticos e parlamentares, pode-se concluir que, se nos enunciados políticos o racismo é oficialmente rejeitado, nos enunciados advindos da elite, demonstram que os imigrantes, as minorias, e os refugiados são uma ameaça ao bem estar social. (VAN DIJK, 2015). Nesse sentido, sendo um mal, um ser “diferente” do que se é programado para reconhecer como sendo um igual, este deve ser rechaçado, banido, pois é um problema que põe em xeque a “estabilidade social”.

Quanto ao desfavor advindo da mídia, Van Dijk afirma que partidos políticos, tanto nos estados Unidos quanto em outras partes do mundo, com diretrizes e programas cada vez mais xenofóbicos e veiculados pela mídia, são capazes de angariar apoio popular que pode atingir mais de 20%. (...) O restante da imprensa, embora quase nunca

explicitamente racista, raramente contribui para uma sociedade multicultural por meio de suas diretrizes e coberturas informativas. (VAN DIJK, 2015).

No cenário novelístico brasileiro, embora diversos autores demonstrem interesse em explorar temas de relevância social, como o da homoafetividade, ainda o fazem de modo muito caricato, esquecendo-se que as identidades são construções contínuas e que qualquer tentativa de apreensão de um modelo está fadada ao fracasso.

3 A TELENVELA NO SÉCULO XXI

A telenovela é um gênero narrativo audiovisual, que tem sua gênese na literatura folhetinesca francesa (cf. HAMBURGER, 2011; TAVARES, 2011; BORELLI, 2001). Devido a essa herança, tratamos aqui a telenovela como uma espécie de literatura moderna, capaz de captar as mais íntimas sensações dos seres humanos e expressá-las publicamente por intermédio de personagens que se constituem na fronteira entre a ficção e a realidade.

No contexto televisivo, a telenovela é, sem dúvida, um dos maiores produtos em termos de rendimentos publicitários, sendo, em alguns países da América Latina, o maior catalisador financeiro da televisão aberta. Acreditamos que o lucro comercial ofertado pelas telenovelas é um fator que nos leva a repensar o comportamento social de uma grande parcela da população (cf. BAUMAN, 2008).

No cenário brasileiro, a telenovela ganhou espaço na década de 1950 e, desde então, tem passado por constantes reformulações em seus enredos e recursos tecnológicos para se adequar às peculiaridades sociais de cada contexto histórico. Durante seu primeiro cinquentenário no Brasil, a telenovela colheu louros de um sucesso arrebatador. A Rede Globo de Televisão, a maior exportadora deste produto no mundo, conseguiu tornar-se referência no assunto, tendo vendido suas telenovelas para inúmeros países, consolidando-se nessa vertente³.

As telenovelas no Brasil foram consagradas por semiotizarem situações discursivas de maneira bastante peculiar, aproximando-as ao perfil da literatura fantástica, oscilando entre o real e o imaginário ao captar lendas folclóricas de alcance

³ A telenovela mais vendida pela Rede Globo de Televisão, até o momento, é *Avenida Brasil* (2012/2013), de João Emanuel Carneiro, tendo sido licenciada para mais de 130 países e dublada em mais de 14 idiomas diferentes, entre eles francês, inglês, espanhol, russo e polonês (cf. RICCO, 2013).

extremamente popular (cf. TODOROV, 1975), tais como foram retratadas em clássicos como *Saramandaia*(1976) e *Roque Santeiro* (1985), ambas de Dias Gomes, *Tieta* (1989/1990), de Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares, dentre várias outras.

Entretanto, nos primeiros quinze anos do século XXI, a telenovela brasileira tem procurado trilhar caminhos diferentes do que costumava percorrer em seu auge. Distanciando-se cada vez mais do perfil fabular surreal que a mitificou, a telenovela no Brasil tem se mostrado inquieta face a uma sociedade mais fluida e em constante transformação. Lendas folclóricas têm frequentemente cedido lugar às tramas mais fidedignas e/ou de maior aproximação com a realidade do telespectador. Conjecturamos que essa mudança de perfil tenha sido motivada por questões de natureza tecnológica e neoliberalista. Entretanto, não é nossa intenção conferirmos julgamentos de valor a respeito dessa mudança estilística. Deixemos isso para outra oportunidade. Nesse artigo, consideramos apenas que essas mudanças obedecem às exigências de um homem pós-moderno, que encontra na telenovela uma possibilidade de enxergar o outro ou, até mesmo, a si próprio.

Durante anos, a telenovela foi um assunto periférico por muitas pessoas ditas intelectualizadas, que insistiam em perceber nas narrativas televisivas apelos popularescos e sem nenhuma contribuição erudita para quem as consumia (cf. BORELLI, 2001).

Entretanto, após os anos 2000, muitos estudiosos começaram a repensar o papel social das telenovelas, partindo do princípio de que elas podem representar o comportamento social de uma significativa parte de uma população de massa. A mudança de postura investigativa de muitos pesquisadores está diretamente atrelada às mudanças socioeconômicas do país, tais como a distribuição de renda, emergência da classe C como nova proposta de mercado consumidor, o avanço tecnológico, etc.

Na tentativa de captar os fenômenos sociais de maior incidência na atualidade, as telenovelas encontraram um campo fértil para discussão, responsável por suscitar opiniões mais diversas possíveis: a questão do gênero. Diante disso, muito se tem questionado sobre a verossimilhança sobre as relações homoafetivas retratadas nos enredos telenovélicos. A diferença entre a noção de criação e reprodução tem se tornado cada vez mais tênue.

Pesquisas mais recentes mostram que, a partir do ano 2000, as telenovelas brasileiras, especialmente as exibidas pela Rede Globo no horário das 21h, têm dado bastante destaque às personagens homoafetivas. Concordamos com Tavares (2011) ao dizer que isso representa a concepção do novo papel que o cidadão tenta desempenhar em sociedade, estando diretamente relacionada à nova ideia de família, bastante discutida na atualidade.

Finalmente, advogamos a ideia de que a televisão no Brasil, mais precisamente a telenovela, tem evidenciado posturas oriundas de uma nova ordem social, advinda de um mundo pós-moderno, onde as relações entre as pessoas estão cada vez mais efêmeras (cf. BAUMAN, 2004). Assim, acreditamos que as telenovelas, diretamente, propõem novas possibilidades de debates, revelam novos sujeitos sociais e rememoram, de alguma forma, questões ligadas ao íntimo do ser humano, sendo, pois, um instrumento psicolinguístico de uma sociedade que, a cada dia, revela-se desacostumada às regras do passado.

4 HOMOAFETIVIDADE E TELEVISÃO: UMA QUESTÃO DE PONTO DE VISTA

FRAGMENTO 1

(...) porque eu acho que hoje você se assumir homossexual no Brasil, você ser homossexual no Brasil é você ir contra aquela família tradicional, é você ir contra a tudo que é colocado na mídia, porque a mídia também tem um papel muito fundamental na questão do preconceito, porque... o que que a gente vê de homossexual na novela? É um homossexual bem caricato, que se veste como mulher, como se todos fosse assim, existe uma parcela assim, mas nem todos são, mas a mídia coloca como se fosse assim, mas a mídia coloca como se fosse assim. E o que que é o homossexual quando é mais rico, quando é mais branco? É aquele homossexual que é empresário e faz tudo escondido, entendeu? Pra que a sociedade não julgue. Existe esses dois tipos realmente, mas na vida, no dia-a-dia, tem sim o pobre que é desse jeito, tem o pobre que não é afeminado, entendeu? Eu acho que eles separam muito nesses dois viés, como que eu posso te dizer de uma forma mais simples, como se todo gay fosse daquele jeito.

O fragmento 1 aponta para duas discussões intrínsecas - a primeira, os tipos de família; e a segunda, a estereótipos de gênero. A sociedade a que estamos incluídos demonstra, de forma irreversível, uma mudança na concepção de família, os arranjos familiares hoje se dão de forma diversas, não mais somente entre um homem e uma mulher. No entanto, é perceptível a resistência social quanto a aceitação da nova família conjugal. São muitos os discursos enviesados que sugerem como abominação ou esquisitice ser homossexual, pior ainda o casamento entre pessoas de mesmo sexo: *“você se assumir homossexual no Brasil, você ser homossexual no Brasil é você ir contra aquela família tradicional, é você ir contra a tudo que é colocado na mídia”* – como dissemos, se assumir homossexual é “ferir” os princípios familiares tradicionais, em que o “certo” seria se relacionar apenas com o sexo oposto (homem e mulher), logo, o seu contrário seria abominação.

Mais à frente outra questão é colocada pelo nosso sujeito de pesquisa, a questão dos estereótipos de gênero produzidos nas telenovelas brasileiras. O sujeito de pesquisa descreve dois modelos caricatos possivelmente observados nas telenovelas. De um lado temos aquele homossexual estereotipado que se traveste de mulher e traz em si gestos e trejeitos femininos. De outro lado, temos outro modelo de homossexual, de classe social elevada, que nas telenovelas tendem a se apresentar com uma postura mais contida, reservada em seus modos de agir e relacionar. Na voz do sujeito de pesquisa, estes modelos, em sua maioria, não contemplam suas identidades, pois, entre estes, existem outras milhões de maneiras de se representar como homossexual, e a isto independe se é de classe alta ou baixa. A televisão cumpre, nessa ótica, seu papel de fomentadora da ideologia dominante, pois prescreve modelos cristalizados de como deve o gay. Sabemos considerando os Estudos Culturais, que as identidades são fluidas, relacionais e que podem ser sempre várias, por isso o risco de se trabalhar com modelos cristalizados, sob pena de reducionismos e estereótipos.

Dessa discussão, implicitamente podemos inferir que, não se enquadrar na heteronormatividade é negar os princípios normativos do bem viver. No entanto, a Declaração dos Direitos Humanos afirma, todos os seres humanos devem ser tratados com dignidade e respeito, e a isto independe a inclinação sexual. Conforme afirma Louro (2008) diferentes sociedades e épocas, alocam significados distintos às posições de gênero - à masculinidade e à feminilidade -, bem como às diferentes expressões da

sexualidade. Louro enfatiza, ainda, que o que marca o gênero e a sexualidade são as relações de poder que perpassam a ambos, criando hierarquias e distinções entre os mesmos.

FRAGMENTO 2

Ou como se só existisse desses dois jeito. Igual tem o caso dessa novela agora que usou o casal homoafetivo no começo da novela pra chamar a atenção do público e agora tá transformando ele em hetero aos poucos, entendeu? É o caso daquela outra, da Xana, Xana eu acho que vai terminar uma novela com uma mulher que todo mundo já viu, que já notou que vai terminar nisso, então não contempla a gente, não contempla os brasileiros enquanto homossexuais e muito menos o mundo, porque não é assim. De acordo com o que é colocado na mídia e como se a gente pudesse ser curado, entendeu, é como se no final da novela, ah você viu no começo da novela era gay, no final ele tava com uma mulher, você também pode isso, é bem colocado assim.

O Fragmento 2 é continuação da fala do participante entrevistado. No excerto, ele faz referência à telenovela *Império* (2014/2015), de Aguinaldo Silva, mesmo que implicitamente, pois cita a personagem *Xana Summer*, vivida pelo ator Ailton Graça na trama global. Conforme o entrevistado, a personagem ora referida, assim como os demais personagens homoafetivos no folhetim, não representam fielmente os brasileiros homossexuais, pois acredita que seja um personagem dúbio, sem muita precisão, que, em muitos momentos no desenrolar do enredo, demonstra interesse por personagens de gêneros diferentes.

Percebemos, na fala do entrevistado, uma herança da noção certo *versus* errado, bastante presente em discursos dicotômicos, os quais lidam com a ideia de divergência e não com a ideia de convergência. Implicitamente, o entrevistado demonstra não acreditar que uma pessoa homoafetiva possa sentir-se sexualmente atraída por outras pessoas de diferentes gêneros.

Nesse sentido, parece-nos pertinente considerarmos o pressuposto de que a relação entre corpo e sexo, no sentido biológico da palavra, não pode ser tomada como algo cristalizado e inquestionável. Estudos sociológicos problematizam a ideia de gênero, sexo e prática sexual como elementos constituintes de uma tríade que, embora

sejam indissociáveis, não determinam uma restrição normativa no que tange às relações hétero e/ou homossexuais. Para isso, entendemos que as questões ligadas ao gênero não podem ser concebidas como atividades automáticas e mecânicas, mas sim como práticas discursivas compulsórias (cf. BUTLER, 2006; BUTLER, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo da pós-modernidade nos tem reservado grandes questões capazes que suscitar incansáveis debates nas áreas da linguagem, da sociologia, da filosofia e de tantas outras que procuram compreender as manifestações discursivas e ideológicas de sociedade cada vez mais instável. Tal sociedade nos mostra um novo homem que, na busca pela compreensão sobre si mesmo no mundo, tenta romper com os pensamentos cartesianos e, com isso, (re) inventa suas próprias propostas de (con) vivência em busca da tão sonhada felicidade.

Esse pressuposto é ilustrado pelos dados que apresentamos neste artigo, pois as questões sobre gêneros buscam incessantemente apontar possibilidades que nos levem à compreensão de novos critérios nas relações entre diferentes pessoas no seio social. Nos entremeios dessas ditas relações, inserimos a telenovela, por nós tratada nessa abordagem como um instrumento de semotização de práticas discursivas características de uma sociedade em um dado contexto histórico.

A relação gênero/telenovela é um campo fértil para análise, partindo do princípio de que a televisão, mesmo na era digital, continua sendo o maior meio de entretenimento eletrônico do Brasil. Diferentemente do computador, do cinema e de tantas outras mídias, a tevê tem espectadores cativos há anos, os quais a assistem diariamente pelo menos por algumas horas. Logo, de alguma maneira, a televisão resgata a memória afetiva das pessoas, que veem nela uma espécie de companheira nos momentos solitários do cotidiano.

Por fim, esperamos que este trabalho possa contribuir com as discussões sobre gênero e mídia desenvolvidas no âmbito acadêmico, ao servir como motivador para outras investigações similares.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Vida para o Consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.

BORELLI, S. H. S. Telenovelas Brasileiras: Balanços e perspectivas. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo/SP, 2001. Nº 15, V. 3, p. 29-36.

BUTLER, J. **Deshacerel Género**. Barcelona: Paidós, 2006.

BUTLER, J. **El Género en Disputa**: El feminismo y lasubversión de laidentidad. Barcelona: Paidós, 2007.

HAMBURGER, E. Telenovelas e Interpretações do Brasil. **Lua Nova**. São Paulo/SP, 2011. Nº 82, V. 1, p. 61-86.

LOURO, G. L. **Feminilidades na pós-modernidade**. Labrys. Estudos feministas (Online), v. 10, p. xxx, 2006. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/riogrande/guacira.htm>> Acesso em 03 de out. de 2009.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M.D (Org.) **História das Mulheres no Brasil**. 2ª ed., São Paulo: Contexto, p. 98-112, 1997.

RICCO, F. **Avenida Brasil é a Novela mais Vendida da Globo no Exterior**. Disponível em <<<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/08/vista-por-130-paises-avenida-brasil-e-a-novela-mais-exportada-da-globo.htm>>>. Acessado em 06/07/2015 às 16h34min.

SOUZA, J. F. de. Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a Educação Infantil. **Anais da 22º reunião anual da ANPED**, Caxambu, MG, p.1-14 1999.

SOUZA, T.; CASCAES, T. R. F. Gênero e poder: categorias úteis na análise histórica da ciências e da tecnologia. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**. Matinhos, n. 0, v. 1, p. 83-89, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.litoral.ufpr.br/diversa/ed1/Revista%20Diversa@%20n_1%20v_1Souza%20e%20CascaesResumo.pdf>. Acesso em: 02 de fev. de 2010.

TAVARES, M. Relacionamentos amorosos nas telenovelas: consumo e retrato da sociedade do século XXI. **Comunicação e Educação**,2011. Nº 2, V. XVI, p. 53-66.

TODOROV, T. **Introdução à Narrativa Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: Planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.